A dimensão qualitativa da migração e da expansão da fronteira agrícola em Roraima.

Alexandre M A Diniz - Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial – PUCMinas – **aldiniz@bhnet.com.br**

Resumo

O presente trabalho explora a relação entre a evolução da fronteira agrícola e a migração no estado de Roraima. Afinado com o crescente interesse em metodologias qualitativas demonstrado por geógrafos de várias escolas, este estudo revela significados, valores, motivações e estratégias de sobrevivência adotadas por indivíduos e famílias em áreas de colonização. A partir de entrevistas em profundidade, realizadas com migrantes intra e interestaduais, identificou-se temas-chave para a compreensão do processo de migração e expansão da fronteira agrícola: o papel das redes sociais, o caráter peripatético dos assentados, a ambivalência migratória, a volatilidade dos assentamentos e a ausência da sensação de "lugar". Tais resultados além de auxiliar a compreensão da volatilidade dos assentamentos Amazônicos, também subsidiam políticas de sustentabilidade social, econômica e ambiental.

Palavras-chave: migração, etnografia, fronteira agrícola, Roraima

1. Introdução

A expansão das fronteiras agrícolas é um fenômeno que se faz presente em diversas regiões do mundo. Este fenômeno encontra-se intrinsecamente associado à políticas de desenvolvimento econômico, pressão populacional, interesses geopolíticos e migrações internas. No entanto, a última fronteira agrícola brasileira, região Amazônica, apresenta algumas peculiaridades que a distinguem das demais fronteiras. Primeiramente, as intervenções estatais na região, fomentadas, sobretudo, durante os anos de sucederam o golpe militar de 1964, promoveram uma rápida e extensa ocupação. Destacam-se também no caso brasileiro os constantes conflitos pelo controle dos recursos naturais da região, travados por diversos agentes: índios, garimpeiros, madeireiros, agricultores sem-terra, fazendeiros e militares. Esses conflitos e a desenfreada ocupação demográfica e econômica redundaram em impactos ambientais sem par, com a poluição e assoreamento de rios e a devastação de milhares de quilômetros quadrados de floresta.

As altas taxas de migração intra-regional e o caráter volátil dos assentamentos amazônicos representam outros importantes elementos diferenciadores. Esses fenômenos têm sido apontados e

estudados por diversos autores que tendem a trabalhá-los a partir de determinantes macro-estruturais, desprezando os processos subjacentes atrelados aos migrantes.

O objetivo do presente trabalho é explorar a relação entre a migração e a evolução da fronteira agrícola a partir de uma perspectiva qualitativa. Neste sentido, busca-se através de um conjunto de entrevistas em profundidade, revelar significados, valores, motivações e estratégias de sobrevivência adotadas por indivíduos e famílias nas áreas de colonização da região Amazônica. Tal empreitada se justifica na medida em que o conhecimento da dimensão pessoal/humanística da migração na fronteira amazônica, além de complementar o atual entendimento sobre as migrações intra-regionais e sobre a volatilidade dos assentamentos Amazônicos, também subsidia a construção de políticas de sustentabilidade social, econômica e ambiental para a região.

2. Migração na região Amazônica

A literatura sobre a migração na fronteira agrícola brasileira é baseada em estudos descritivos que enfatizam padrões de migração inter e intra-reginais. Ênfase é dada ao processo de urbanização na região (Almeida e David, 1981; Martine, 1981; Sawyer, 1981,1982, 1984, 1986, e 1987; Wood e Schmink, 1983; Wood e Wilson, 1984; Santos, 1984; Martine, 1984; Oliveira, 1986; Da Silva, 1986; Bentes, 1986; Lavinas, 1987; Ferreira, 1987; Jardim, 1987; Martine, 1989; Becker, 1985; 1990; Godfrey, 1990; Volbeda, 1996). Estes estudos encontram-se, geralmente, baseados em perspectivas histórico/estruturais e utilizam como explicações para a maciça migração intra-regional, o avanço do modo de produção capitalista em áreas de fronteira, que, segundo os autores, expulsa agentes pioneiros, que são forçados a migrar em direção às cidades da região.

Um ponto pacífico entre esses autores é o fato de que a fronteira Amazônica não pode mais ser entendida como “válvula de escape” para a pressão populacional nas demais regiões brasileiras, como sugeria Frederick Jackson Turner e seus seguidores. Na verdade, a fronteira Amazônica está se fechando enquanto alternativa para os trabalhadores rurais sem terra do país, em virtude do crescente processo de consolidação de terras na região (Almeida e David, 1981; Sawyer, 1981 e 1982; Mougeot, 1982b e 1986; Martine,1984; Aragón e Mougeot, 1986; Ferreira,1987; Jardim,1987; Henriques,1988; Sawyer et al. 1990).

Outro grupo de estudos enfocando a migração na região Amazônica explora a seletividade migratória. Estes estudos são, em geral, baseados em uma série de surveys e revelam que os

migrantes rurais da Amazônia tendem a ser jovens (15 a 35 anos), predominantemente do sexo masculino e com baixos níveis de escolarização (Henriques, 1985; 1986 e 1988; Sawyer e Carvalho, 1986; Oliveira, 1986; Da Silva, 1986; Bentes, 1986; Lisansky, 1990; Barros 1994 e 1995; MacMillan, 1995; Diniz, 1997). Uma vez na região, estes migrantes rurais envolvem-se, geralmente, em agricultura de subsistência e atividades extrativas, que tendem a acontecer fora dos mercados formais de trabalho.

Por outro lado, a literatura sobre evolução das fronteiras é marcada por propostas que concebem o desenvolvimento a partir de um conjunto de fases hierárquicas, nas quais comunidades caracterizadas por sistemas de produção eminentemente pré-capitalistas são gradualmente incorporadas à economia nacional. Os teóricos sugerem que esse processo evolutivo faz com que a emigração sobreponha-se à imigração ao longo dessas transformações (Martins, 1975; Foweraker, 1981; Browder e Godfrey, 1990). Em outras palavras, o encontro das frentes econômica (marcada pela presença de grandes fazendeiros) e demográfica (caracterizada por pequenos produtores, organizados a partir de práticas agrícolas de subsistência) tende a promover a expulsão dos últimos. Essas propostas teóricas, no entanto, enfocam essencialmente a evolução econômica e urbana de áreas de fronteira, sem prestar a devida atenção aos impactos que essas transformações têm sobre o processo migratório.

Recentemente, Diniz (2001) propôs um modelo que incorpora um conjunto de estudos sobre mobilidade humana na Amazônia, bem como sobre a evolução da fronteira. O modelo organiza o processo evolutivo dos assentamentos agrícolas em quatro fases distintas (pioneira, transicional, consolidada e urbanizada) e propõe um conjunto de hipóteses relacionadas aos mais diversos aspectos da mobilidade, predominantes em cada etapa do processo evolutivo. Critérios para a classificação dos assentamentos agrícolas de acordo com a tipologia apresentada, incorporam a idade dos assentamentos, níveis de deflorestamento, concentração de terra, presença de mercados de terra e trabalho e infra-estrutura. Dados para testar a validade do modelo proposto foram compilados na região central do Estado de Roraima, através de questionários realizados junto aos assentados. Os resultados demonstram que o processo de evolução dos assentamentos agrícolas tem um impacto significativo no processo de seleção dos migrantes, nos fluxos migratórios, histórias migratórias, tipo predominante de migração, fatores atrativos e padrões temporais e espaciais de circulação.

Note-se, portanto, que a dimensão humana da migração na Amazônia, bem como a sua relação com a evolução da fronteira agrícola, vêm sendo negligenciadas na literatura especializada. Os estudos

que trabalham a questão, geralmente, o fazem a partir de matrizes macro-estruturais, que apesar de importantes, obliteram a visão dos significados, valores, motivações e estratégias de sobrevivência adotadas por migrantes, que são fundamentais ao avanço e à evolução das fronteiras agrícolas.

3. Metodologia

O presente estudo está afinado com o recente interesse demonstrado por geógrafos da população em metodologias qualitativas (Findlay e Li, 1999; Winchester, 1999; McHugh, 2000). Estes cientistas chamam a atenção para o potencial de métodos e técnicas de análise qualitativa de ampliar o nosso entendimento sobre sistemas migratórios. Ressalte-se que a validade da metodologia qualitativa não se assenta em questões de representatividade, ou o caráter generalizável dos resultados. Ao contrário, está vinculada à possibilidade de ajudar a elucidar estruturas, significados e discursos subjacentes à mobilidade humana, invisíveis a outras formas de análise geográfica. Ao explorar as experiências e atitudes dos migrantes, pode-se chegar ao significado, bem como às explicações para a migração, trabalhando-se a partir de um nível diferente de análise. A tarefa aqui é iluminar a experiência passada e presente de indivíduos e associá-las ao processo de expansão e evolução da fronteira agrícola.

A partir desses objetivos, cinco indivíduos foram selecionados e regularmente visitados ao longo de 10 meses, entre Outubro de 1997 e Agosto de 1998, em diferentes áreas de assentamento agrícola do Estado de Roraima. Essas etnografias foram construídas a partir de conversas registradas em fitas cassete, que versavam sobre a trajetória migratória desses indivíduos, as motivações migratórias, a importância de laços familiares e de amizade, histórias ocupacionais, atitudes acerca da mobilidade, religião, política, economia, adaptação aos diversos destinos e a vida na fronteira, de modo geral. Uma amostragem intencional foi utilizada, a partir da qual acessibilidade e voluntariedade em participar do projeto foram os principais critérios utilizados na seleção dos respondentes.

4. Resultados

A abordagem etnográfica explora a geografia dos assentamentos agrícolas na fronteira de Roraima por dentro, revelando, de forma mais nítida, a vida e a qualidade de vida dos assentados, trazendo à tona uma série de processos inconspícuos atrelados à relação entre a mobilidade e a evolução da fronteira agrícola. Apesar da riqueza e da complexidade dos resultados conferidos por esta estratégia, serão apresentados e discutidos neste texto cinco temas, que julgo serem centrais na

relação migração-fronteira agrícola: o papel das redes sociais e as estratégias de sobrevivência empregadas pelos assentados, o processo decisório por traz da migração, a natureza ambivalente da migração de fronteira, e a hiper-mobilidade e falta de sentimento de "lugar" entre os colonos.

4.1 Hiper-mobilidade e falta de sentimento de lugar

As trajetórias migratórias colhidas através das etnografias questionam a visão da migração como uma jornada linear de via única (Lee, 1966). Ao contrário, os assentados da fronteira demonstram um padrão mais errático, contínuo a peripatético de mudanças, que melhor se qualifica como uma "espiral de mudanças", uma vez que os migrantes da fronteira estão constantemente com o pé na estrada.

Esta hiper-mobilidade tem conseqüências sérias. Primeiramente, indivíduos com uma longa história de mudanças apresentam uma disposição natural a migrar novamente. Esta perspectiva migratória eminente está atrelada ao fato de que algumas características típicas dos migrantes são características persistentes (Morrison and Wheeler 1976). Aqui se destacam os baixos níveis de capital humano e financeiro, e fortes ligações com o mundo rural e a agricultura de subsistência. Essas características pessoais, atreladas às constantes mudanças estruturais nas áreas de fronteira da região Amazônica, engendram migrações repetidas.

Um fenômeno decorrente desta hiper-mobilidade é o fato de que esta pré-disposição natural à migração é replicada através das gerações, uma vez que os migrantes da fronteira vêm de famílias de migrantes, e os seus filhos, em muitos casos, desenvolvem trajetórias migratórias próprias.

Esta hiper-mobilidade também gera uma generalizada falta de vínculo com os destinos, uma certa apatia geográfica, configurada pela falta do sentimento de lugar e de pertencimento entre os migrantes da fronteira. Aqui, a noção de Rowles (1983) de "insideness[1]" é relevante. De acordo com o autor, a sensação de pertencimento envolve três temas complementares: "physical insideness", que é fruto da familiaridade com a geografia física e com as paisagens de um determinado local; "social insideness", que é fruto da interação em um determinado contexto social; e "autobiographical insideness", que significa uma acumulação de experiências em uma determinada localidade ao longo da vida.

[1] Sentimento de pertencimento.

A falta de vínculo com os destinos entre os migrantes da fronteira é resultado de uma conjunção de fatores operando em cada uma dessas dimensões. A evolução da fronteira promove mudanças expressivas nas paisagens Amazônicas, transformando áreas que um dia foi coberta por densa floresta tropical em extensas pastagens artificiais, o que compromete a consolidação da "physical insideness". Nestes contextos voláteis, comunidades são formadas e desmanteladas em poucos anos, abreviando estadias, rompendo com redes sociais e obstando a formação de "social" e "autobiographical insideness". Além do mais, os migrantes são, na maioria das vezes, selecionados negativamente, tendo experimentado uma série de migrações forçadas ao longo da vida. Conseqüentemente, a sua "autobiographical insideness" foi construída a partir de experiências de violência, dificuldades econômicas e perda de entes queridos na fronteira. Este grupo de fatores culmina em uma forte apatia, quando não, aversão, em relação a destinos passados e presentes.

Um outra repercussão desta hiper-mobilidade é a generalizada falta de identidade e peculiaridade associada às diversas localidades da fronteira. Não se nota muita diferença em relação às comunidades rurais da região, que tendem a apresentar configurações espaciais e dinâmicas sociais similares. Fielding (1992) sugere que a identidade geográfica é forte onde a emigração é baixa e a migração de retorno é alta. Este certamente não é o caso dos assentamentos da fronteira agrícola amazônica, que são marcados pela intensa chegada de indivíduos, num primeiro momento, mas em poucos anos, a força da maré migratória se inverte e a emigração torna-se o movimento predominante.

A instabilidade das áreas de fronteira, conjugada com populações transitórias, originando em várias partes do Brasil, dá origem a comunidades marcadas pela desconfiança e pelo caráter nada hospitaleiro dos seus habitantes. As comunidades também carecem de elementos distintivos, organização comunitária e desenvolvimento institucional. A ausência de identidade geográfica, por outro lado, aumenta a desvinculação e a apatia em relação às comunidades, uma vez que os migrantes têm dificuldade de desenvolver vínculo com locais tão voláteis e amorfos.

4.2 Redes sociais e mecanismos de sobrevivência.

A migração na fronteira é fruto de uma complexa rede social que transcende o tempo e o espaço. Essas mudanças são fortemente baseadas em canais informais de informação e migrações por "corrente", que conectam comunidades localizadas a milhares de quilômetros de distância.

Neste processo, um determinado colono (inovador) chega à fronteira em busca de terra. Durante toda a sua estadia, este indivíduo mantém contato direto com o local de origem e tão logo obtenha acesso a um pedaço de terra e alguma estabilidade, deflagra-se a segunda onda de migrantes (seguidores), que chegam à fronteira bafejados pelo sucesso e pelo apoio do "inovador". Esta invasão de áreas de assentamento por indivíduos de mesma origem geográfica se intensifica, uma vez que, tão logo a primeira onda de "seguidores" ganha acesso à terra, sucessivas ondas de "migrantes seguidores", com algum grau de relação, chegam ao destino.

Situações nas quais os migrantes mantêm contato direto com os locais de origem, seja através de cartas, telefonemas e visitas regulares, fazem com que a migração acabe representando e promovendo, no destino, a expansão da comunidade de origem, e não um hiato físico em relação a mesma (Mountz e Wright 1996). Neste caso, o conceito de Gidens (1984) time-space edges[2] é apropriado, uma vez que estes intensos contatos fortalecem os laços entre lugares distantes, construindo um caminho firme e seguro a ser trilhado por migrantes "seguidores" ou "secundários". Apesar de forte durante os primeiros estágios de desenvolvimento da fronteira, o "time space distanciation", ou a extensão de sistemas sociais através do tempo e do espaço enfraquece, uma vez que o processo de evolução da fronteira tende a expulsar migrantes pioneiros, comprometendo a perpetuação das redes sociais. Por outro lado, o processo de evolução da fronteira dá origem a novos "time-space distanciations" dentro da própria região Amazônica, na qual laços familiares e de amizade cumprem papéis importantes na ligação entre locais mais avançados no espectro evolucionário e áreas pioneiras.

A impressionante capacidade de adaptação a novos destinos demonstrada pelos migrantes de fronteira merece destaque. Sendo, na maioria das vezes, destituídos de bens materiais, esquecidos pelo poder público, e excluídos social e economicamente, esses indivíduos contam uns com os outros para sobrevivência e adaptação na fronteira. Neste contexto, a formação de grupos de ajuda informal é uma importante estratégia empregada pelos colonos. De acordo com este estratagema, os colonos revezam o trabalho entre os lotes dos membros desses grupos informais de trabalho, materializando cada fase do árduo processo de produção agrícola, alternadamente: aceiro de derrubada, broca, derrubada, queimada, coivara, aceiro, plantio e colheita.

A circulação é uma outra importante estratégia de sobrevivência utilizada pelos assentados. A facilidade de se conseguir lotes urbanos, faz com que as famílias dos colonos se dividam, ficando os homens e os filhos mais velhos na área rural, enquanto as mulheres e os filhos em idade escolar estabelecem residência no âmbito urbano. Desta forma, os migrantes usufruem as oportunidades

[2]Time-space edges representam os pontos de contato e troca que facilitam este distanciamento e servem como ligações entre origem e destino (Giddens, 1984 apud Mountz and Wright).

econômicas tanto do mundo rural, quanto do urbano. Durante as fases que demandam trabalho intensivo na agricultura, como a colheita, por exemplo, os membros urbanos da família passam temporadas nos lotes rurais. Por outro lado, os membros rurais da família visitam regularmente a cidade, para rever os familiares, comprar e vender víveres e fazer uso dos serviços urbanos (clínicas, igrejas, atividades de lazer, etc.).

A circulação também é empregada como meio de suplementar a renda familiar. Durante as fases que demandam menos mão de obra, os colonos costumam se empregar, temporariamente, nas fazendas de Roraima, onde trabalham por empreitada ou como diaristas. Lá, executam uma miríade de funções, retornando aos lotes rurais ao fim dessas tarefas.

4.3 Processo de decisão migratória

A abordagem etnográfica ilustra o processo de decisão migratória ao longo da evolução da fronteira agrícola. Neste contexto, marcado pela violência, pela presença de incipientes mercados de terra e trabalho, competição entre colonos e grandes proprietários de terra pelos recursos da região, existe um grande estímulo para emigração de agentes pioneiros, a medida em que as fronteiras evoluem (Diniz, 2002). Mas apesar da proeminência destes fatores estruturais e do desfavorável contexto sócio-econômico, o processo de decisão migratória é permeado por uma série de motivações pessoais. Neste sentido, bodas, batizados, acesso à escola, morte de parentes, por exemplo, constituem importantes motivações, que só são aparentes quando se trabalha a partir de metodologias qualitativas, neste nível de agregação.

Além disso, não se pode negar que a migração é "culturalmente produzida, culturalmente expressa, e cultural nos seus efeitos" (Fielding, 1992:202). Mediando o processo de decisão migratória figura um complexo amálgama de valores e crenças. O acesso à terra, por exemplo, tem uma grande relevância no consciente coletivo dos colonos, extrapolando a sua mera função de provedora de subsistência, configurando-se como fonte de orgulho e poder entre os colonos. Portanto, a posse da terra se torna uma missão de vida para muitos.

As etnografias revelam que até mesmo alguns hábitos de procriação dos colonos são influenciados pela condição de proprietários de terra. Alguns colonos, por exemplo, optam por postergar a chegada dos filhos durante as épocas da vida em que se encontravam sem terra. Também, não se pode negligenciar o fato de que, mesmo diante de todo o peso das mudanças estruturais, alguns migrantes de áreas pioneiras se recusam a deixar suas áreas de assentamento, mesmo tendo essas passado pelo processo de evolução das fronteiras. Portanto, toda visão economicista de migração é rapidamente confrontada pela riqueza e pela vasta gama de possibilidades associadas às motivações para migração em nível de indivíduos.

Ainda assim, diante de todos os fatores e motivações pessoais, a migração não acontece no vácuo das fronteiras Amazônicas, mas ela é certamente restringida e influenciada pelas características socioeconômicas das pessoas e dos lugares. Como Singer (1973) e Shrestha (1988) argumentam, é importante separamos as motivações individuais dos determinantes macro-estruturais da migração. Eu acredito que essas duas dimensões são igualmente importantes na calibragem da migração humana, influenciando-se mútua e concomitantemente.

4.4 A ambivalência da migração

Os resultados sugerem que a migração de fronteira é uma experiência multifacetada e polissêmica. Fielding (1992) subsidia esta discussão com a sua tipologia de experiências migratórias. Enquanto a geografia da fronteira agrícola é paulatinamente transformada pela crescente presença das forças de mercado, a migração representa, para muitos indivíduos, um meio de manter estilos de vida. Ao migrar, os colonos fogem do injusto e excludente sistema capitalista brasileiro. Neste sentido, a migração é vivenciada como uma experiência libertadora, pois esses indivíduos mudam-se em busca de outras terras, onde a agricultura de subsistência possa ser retomada, mantendo, portanto, o seu estilo de vida original.

Por outro lado, a migração na fronteira também pode representar uma válvula de escape do ciclo da agricultura itinerante, uma redenção para aqueles que se encontram muito cansados, ou doentes para a sua prática. Sujeitos a trabalho extenuante, sob a influência de doenças tropicais, e longe de todos os tipos de equipamentos, serviços e amenidades urbanos, muito indivíduos capitulam às dificuldades do mundo rural e se mudam para as áreas urbanas. Neste sentido, a migração promove uma mudança de estilo, representando “um novo começo”, a oportunidade de fugir da mesmice e do cansaço, desencadeando um novo estilo de vida.

Também revelado pelas trajetórias etnográficas está a noção de migração como “fracasso”. Ao tomarem a decisão de deixar os seus lotes, os assentados estão, muitas vezes, enfrentando o inevitável. Tal fato se configura diante da impossibilidade de se manter a subsistência na zona rural, em virtude de problemas ambientais, econômicos, infra-estruturais, etc.

Portanto, fica clara a natureza ambivalente e contraditória da experiência migratória na fronteira agrícola, uma vez que a migração representa uma saída para as mudanças estruturais e para a crescente penetração do modo de produção capitalista, além de representar uma esperança de que as condições de vida serão melhoradas, através da mudança ou da manutenção de estilos de vida.

5. Considerações finais

Os resultados qualitativos revelam que a migração na fronteira é profundamente dependente de redes sociais, que transcendem o espaço e tempo, ligando específicos pares de origens e destinos. Tais redes se apoiam em canais informais de informação, que duram o mesmo tempo que as voláteis comunidades Amazônicas. Por outro lado, o processo de decisão migratória é impregnado de motivações pessoais, que, por sua vez, estão inseridos em contextos culturais eivados de valores, crenças e práticas sociais.

Aqueles envolvidos na migração na fronteira agrícola experimentam atitudes ambivalentes em relação à mesma. Ao mudar, esses indivíduos podem vivenciar a migração como um fracasso, uma experiência libertária, ou até mesmo, como uma oportunidade para um novo começo.

O caráter negativo da migração na fronteira engendra longas histórias migratórias e, quase sempre, novas perspectivas migratórias para os indivíduos. Esta hiper-mobilidade, por sua vez, transcende as gerações, tornando-se indissociável das biografias dos migrantes da fronteira. Este comportamento peripatético, intrinsecamente relacionado às mudanças estruturais desencadeadas pelo processo de evolução da fronteira, compromete os vínculos com os destinos, o sentimento de lugar, bafejando, ainda mais, a hiper-mobilidade. Consequentemente, os assentamentos da fronteira carecem de identidade, distinção, organização comunitária e desenvolvimento institucional.

Esses resultados complementam e ampliam o conhecimento sobre a relação entre migração e a evolução da fronteira agrícola na Amazônia brasileira, além de apresentar subsídios para o planejamento de assentamentos agrícolas na região. De posse dessas informações, as agências responsáveis pela regularização e distribuição de terras na Amazônia têm subsídios para a construção de políticas de assentamento social e economicamente sustentáveis.

6. Referências bibliográficas

Almeida, A. and David, M. 1981. Tipos de Frontiera e Modelos de Colonização na Amazônia: Revisão de Literatura e Especificação de Uma Pesquisa de Campo. IPEA, Instituto de Planejamento Econômico Social. Texto para Discussão #38. Brasília, DF.

Aragón, L. 1980. Mobilidade dos Migrantes no Norte de Goiás. Seminário promovido pelo Setor de Pesquisa (SEPEQ) do NAEA (Núcleo de Altos Estudos Amazônicos) em 31 de agosto de 1978. Série Seminários e Debates, # 4. Belém, NAEA

____________ 1983. Mobilidade Geográfica e Ocupacional no Norte de Goiás: Um Exemplo de Migração por Sobrevivência. In O Despovoamento do Território Amazônico: Contribuições Para Sua Interpretação. Mougeot, L. and Aragón, L. (Editors.) p. 91-122 . Belém, UFPA/NAEA

Aragón, L. and L. Mougeot. 1986. Introdução. In Migrações Internas na Amazônia: Contribuições Teóricas e Metodológicas, L. Aragón and L. Mougeot (eds.). pp. 17-53. Núcleo de Altos Estudos Amazônicos. Belém, Falangola.

Barros N. 1995 Roraima, Paisagens e Tempo na Amazônia Setentrional. Editora Universitária. Recife, UFPE.

__________ 1994 N. The Frontier Cycle: A Study of the Agricultural Frontier Settlment in the Southeast of Roraima, Brazil. Working Paper 4, Department of Geography, Univeristy of Durham

Becker, B. 1985. Fronteira e Urbanização Repensadas. Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro 47 (3/4): 357-371.

Becker, Bertha. 1989. Grandes projetos e produção de espaco transnacional: uma nova estratégia do Estado na Amazônia. Revista Brasileira de Geografia. 51(4): 7-20.

Becker, Bertha. 1990. Amazônia. Atica, Sao Paulo.

Becker, Bertha and Claudio Egler. 1998. Brasil, Uma Nova Potência Regional na Economia – Mundo. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil.

Bentes, R. 1986. Zona Franca, Desenvolvimento Regional e o Processo Migratório para Manaus. In Migrações Internas na Amazônia: Contribuiçõs Teóricas e Metodológicas. By L. Aragón and L. Mougeot (eds.). p. 220-254. Núcleo de Altos Estudos Amazônicos. Belém: Falangola.

Browder, J. and Godfrey, B. 1990. Frontier Urbanization in the Brazilian Amazon: A theoretical framework for urban transition. Conference of Latin American Geographers, 16: 56-66.

Correa, R. 1987. A Periodizacão da Rede Urbana da Amazônia. Revista Brasileira de Geografia, 49 (3) 39-56.

Da Silva, 1986. Retenção e Seleção migratórias em Rio Branco, Acre. In Migrações Internas na Amazônia: Contribuições Teóricas e Metodológicas, L. Aragón and L. Mougeot (eds.). pp. 182-216. Núcleo de Altos Estudos Amazônicos. Belém: Falangola.

Diniz, Alexandre. Occupation and Urbanization of Roraima State, Brazil. Yearbook, Conference of Latin Americanist Geographers, Vol. 23, pp. 51-62, 1997.

____________ 2001. "Mobility and evolving frontier settlements: the case of central Roraima". Anais do XXIV IUSSP General Conference, realizado em Salvador, entre 18 e 24 de Agosto, 2001 Sessão S28 Internal migration: health, education and development consequences.

Fearnside, P. 1989. Projetos de Colonização na Amazônia Brasileira: Objetivos Conflitantes e Capacidade de Suporte Humano. Cadernos de Geociências Vol. 2 p. 7-25.

Ferreira, I. 1987. Expansão da Fronteira Agrícola e Urbanização. In A Urbanização da Fronteira. Lavinas, Lena (Editor). Séries Monográficas #5, Volume 2. p. 1-26. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ

Fielding, Tony. Migration and Culture. In Champion, T. and Fielding, T. editors, Migration processes and patterns. Volume I. Research progress and prospects, London: Belhaven Press. Pp. 201-212.

Findley, S. 1988. Colonist Constraints, Strategies, and Mobility: Recent Trends in Latin American Frontier Zones. In Oberai, A. (ed). Land Settlement Policies and Population Redistribution in Developing Countries:271-316. New York, Praeger

Findlay, A and Graham, E. 1991. The Challenge Facing Population Geography. Progress in Human Geography 15, 149-162.

Findlay, Allan and F. L. Li. 1999. Methodological Issues in Researching Migration. Professional Geographer 51 (1) pp. 50-59.

Foweraker, Joseph. The Struggle for Land. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

Findley, S. 1988. Colonist Constraints, Strategies, and Mobility: Recent Trends in Latin American Frontier Zones. Em Oberai, A. (ed) Land Settlement Policies and Population Redistribution in Developing Countries:271-316. New York, Praeger

Furley, P. and Mougeot, L. 1994. Perspectives in the Forest Frontier, Settlement and Change in Brazilian Roraima. Ed. by Peter Furley. New York, Routledge.

Giddens, A 1984. The Constitution of Society: Outline of the history of Structuration. Cambridge: Polity Press

Godfrey, B. 1990. Boom Towns of the Amazon. The Geographical Review. Vol. 80 (2) p. 103-117.

Godfrey, B. 1992. Migration to the gold-mining frontier in Brazilian Amazônia. Geographical Review, Vol. 82(4) pp. 458-469.

Goss, Jon and Lindquist, Bruce. 1995. Conceptualizing International Labor Migration: a Structuration Perspective. International Migration Review. 23 (2) pp. 317-351.

Henkel, R. 1982. The Move to the Oriente: Colonization and Environmental Impact. In Modern Day Bolivia: Legacy of the Revolution and Prospects for the Future. Edited by Jerry R. Ladman. Tempe: Center for Latin American Studies, Arizona State University. pp.277-300.

Henriques, M. 1984. A Política de Colonizacão Dirigida no Brasil: um estudo de caso, Rondônia. Revista Brasileira de Geografia 46(3-4) 393-414.

______________1985. A Dinâmica Demográfica de Uma Área de Fronteira: Rondônia. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, 47 (3/4): 317-356.

______________1986. Os Colonos de Rondônia: Conquistas e Frustrações. s, Rio de Janeiro. Revista Brasileira de Geografia 48 (1): 3-42.

_________________1988. The Colonization Experience in Brazil. In Land Settlement Policies and Population Redistribution in Developing Countries: 317-354 By Oberai (ed.). New York, Praeger.

Jardim, A. 1987. Aspéctos do Processo de Urbanização Recente na Região Centro-Oeste. In A Urbanização da Fronteira. Lavinas, Lena (Editor). Séries Monográficas #5, Volume 2. p. 103-128 Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ.

Lavinas, L. 1987. A Agro-Urbanização da Fronteira. In A Urbanização da Fronteira. By Lavinas, Lena (ed). Series Monográficas #5, Volume 1. p. 91-108. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ

Lee, Everett. 1966. A Theory of Migration. Demography 3: 47-57.

Lisansky, J. 1990. Migrants to Amazonia. Spontaneous colonization in the Brazilian frontier. Boulder, San Francisco and London, Westview Press .

MacMillan, G. 1995. At the End of the Rainbow? Gold, Land and People in the Brazilian Amazon. London, Earthscan Publications Ltd.

McHugh, Kevin. 1999 Inside, outside, upside down, backward, forward, round and round: a case for ethnographic studies in migration. Progress in Human Geography 24, 1 pp. 71-89.

McKendrick, John. 1999. Multi-Method Research: An introduction to its application in Population Geography. Professional Geographer 51 (1) pp. 40-50.

Martine, G. 1981. A Migração Repetida e a Busca de Sobrevivência: Alguns Padrões Brasileiros. Projeto de Planejamento de Recursos Humanos. Relatório Técnico #52. Brasília.

1984. Frontier Expansion, Agricultural Modernization and Population Trends in Brazil. Brasilia: IPEA/IPLAN/ CNRH.

____________ 1989. Internal Migration in Brazil. IPEA, Instituto de Planejamento Econômico Social. Texto pare Discussão #13. Brasília, DF.

Martins, José de Souza. 1975. Frente Pioneira: Contribuição para uma caracterizacao sociológica, in Capitalismo e Tradicionalismo pp. 43-5. By Velho, Otávio (ed.). São Paulo, Pioneira.

Martins, J. 1980. Expropriacão & Violência; a questão politica no campo. São Paulo, Hucitec.

___________1984. The State and the Agrarian Question in Brazil. In Frontier Expansion in Amazonia, By Marianne Schmink and Charles Wood (eds.). Gainesville, University of Florida Press, 463 - 490.

Martins, José. 1984. The State and the Militarization of the Agragian Question in Brazil. In Frontier Expansion in Amazônia Edited by Marianne Schmink and Charles Wood Pp.463-490. University of Florida Press, Gainsville.

________________1997. O Tempo da Fronteira, retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira. Tempo social; Revista de Sociologia da USP. São Paulo, 8(1): 25-70, maio de 1996.

Mougeot, L. 1982a. Ascensão Sócio-Econômica e Retenção Migratória na Fronteira. Série Seminários e Debates (8). Belém, Universidade Federal do Pará - Núcleo de Altos Estudos Amazônicos.

1982b. Alternate Migration Targets and Brazilian Amazonia’s Closing Frontier. Paper prepared for the Commission on Regional Systems and Policies. Latin American Regional Conference, International Geographical Union. Belo Horizonte - Rio de Janeiro, Brazil. August, 9th -21st, 1982.

________________1983. Retenção Migratória das Cidades Pequenas, nas Frentes Amazônicas de Expansão: Um Modelo Interpretativo. In O Despovoamento do Território Amazônico: Contribuições Para Sua Interpretação. Mougeot, L. and Aragón, L. (Editors.) p. 123-146 . Belém: UFPA/NAEA

1986. A Recente Ocupação Humana da Região Amazônica: Causas, Durabilidade e Utilidade Social. In Migrações Internas na Amazônia: Contribuições Teóricas e Metodológicas. Aragón, L and Mougeot, L. (Editors) p. 17-53. Belém:UFPA, NAEA, CNPq.

Mougeot, L. and Aragón, L. (Editors.) 1983. Introdução. In O Despovoamento do Território Amazônico: Contribuições Para Sua Interpretação. Introdução: 9-26. Belém: UFPA/NAEA

Neiva, Arthur Hehl. 1949. A imigração na política brasileira de povoamento. Revista Brasileira de Municípios, ano II nº6, abril-junho, p.266.

Oliveira, Adelia E. 1983. Ocupacao Humana. Em Amazônia Desenvolvimento, Integração e Ecologia. Edit. Eneas Salati, Wolfgang J. Junk, Herbert O Shubart e Adelia de Oliveira. Sao Paulo, Brasiliense.

Oliveira, C. 1986. O Campo Migratório de Soure, Pará. In Migrações Internas na Amazônia: Contribuições Teóricas e Metodológicas, L. Aragón and L. Mougeot (eds.). pp. 148-181. Núcleo de Altos Estudos Amazônicos. Belém: Falangola.

Rowles, Graham. 1983. Between Worlds: A Relocation Dilemma for the Appalachian Elderly. International Journal of Aging and Human Development. Vol 17 (4) pp. 301-313.

Sawyer, D. 1981. Ocupação e Desocupacao da Fronteira Agrícola no Brasil: Ensáio de Interpretação Estrutural e Espacial. Trabalho apresentado no seminário sobre expansão da fronteira agropecuária e meio-ambiente na America Latina. Brasília, 10-13 de Novembro de 1981.

___________1982. Industrialization of Brazilian Agriculture and Debilitation of the Amazon Frontier. Paper presented at the Seminar on Land Development in the Tropics. August, 8th-13th 1982. Belo Horizonte, Brazil.

______ _ 1984. Introduction. Frontier Expansion and Retraction in Brazil. In Frontier Expansion in Amazonia, 180 - 203.By Marianne Schmink and Charles Wood (eds.). Gainesville, University of Florida Press.

1986. A Fronteira Inacabada: Industrialização da Agricultura Brasileira e Debilitacão da Fronteira Amazônica. In Migracões Internas na Amazônia: Contribuições Teóricas e Metodológicas, L. Aragón and L. Mougeot (eds.). Núcleo de Altos Estudos Amazônicos pp. 54-91. Belém: Falangola.

___________1987. Urbanização da Fronteira Agrícola no Brasil. In A Urbanização da Fronteira. Lavinas, Lena (Editor). Séries Monográficas #5, Volume 1. p. 43-60 Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ.

1989. Urbanization of the Brazilian Frontier. Presented in a Seminar on Urbanization in Large Developing Countries, IUSSP and Gujarat Institute of Area Planning, Ahmedabad, India, 28 th of September to October 1st.

Sawyer, D. and Carvalho, J. 1986. Os Migrantes em Rio Branco, Acre: Uma Análise a Partir de Dados Primários. In Migrações Internas na Amazônia: Contribuições Teóricas e Metodológicas. Aragón, L and Mougeot, L. (Editors) p. 112-147. Belém: UFPA, NAEA, CNPq.

Sawyer, D.; Torres, H.; Pereira, A. and R. Abers 1990. Fronteiras na Amazônia: Significado e Perspectivas. Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional - CEDEPLAR - Universidade Federal de Minas Gerais . Relatório final da primeira fase da pesquisa "A Dinâmica Demográfica da Região Amazônica Numa Perspectiva Nacional" for ELETRONORTE

Sawyer, D. 1981. Ocupação e desocupação da fronteira agrícola no Brasil: Ensáio de interpretação estrutural e espacial. Documento # 186 do CEDEPLAR- Secretaria de Pesquisa da Presidência da República. Belo Horizonte. Trabalho apresentado no Seminário sobre Expansão da Fronteira Agropecuária e Meio-Ambiente na America Latina. Brasília, 10-13 de Novembro de 1981.

Sawyer, Donald 1984. Frontier Expansion and retraction in Brazil. In Frontier Expansion in Amazônia Edited by Marianne Schmink and Charles Wood Pp. 180-203. University of Florida Press, Gainsville.

_______________ 1987. Urbanização da Fronteira Agrícola no Brasil. Em A Urbanização da Fronteira. Lavinas, Lena (Editor). Séries Monográficas #5, Volume 1. p. 43-60 . Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 1987.

________________ 1989. Urbanization of the Brazilian Frontier. Presented in a Seminar on Urbanization in Large Developing Countries, IUSSP and Gujarat Institute of Area Planning, Ahmedabad, India, 28 th of September to October 1st, 1989.

Sawyer, Diana. and Carvalho, J. Os Migrantes em Rio Branco, Acre: Uma Análise a Partir de Dados Primários. Em Migrações Internas na Amazônia: Contribuições Teóricas e Metodológicas. Aragon, L and Mougeot, L. (Editors) p. 112-147. Belém: UFPA, NAEA, CNPq, 1986.

Schmink, Marianne. 1982. Land Conflicts in Amazônia. American Ethnologist 9:341-57.

Schmink, Mariane and Wood, Charles. 1992.Contested Frontiers in Amazônia. Clumbia University Press, New York.

Sewastynowicz, 1986. Two-step Migration and Upward Mobility on the Frontier?: The Safety Valve Effect in Pejibaye, Costa Rica. Economic Development and Cultural Change 34 (4) 731-753.

Shrestha, Nanda. 1988. A structural perspective on labor migration in underdeveloped countries Progress in Human Geography 12 (2) 179-207

______________ 1989. Frontier Settlement and Landlessness among Hill Migrants in Nepal Tarai. Annals of the Association of American Geographers, 79 93) pp. 370-389.

Silva, José Gomes. 1996. A Reforma Agrária Brasileira: A virada do milênio. Campinas, ABRA (Associação Brasileira de Reforma Agrária).

Silveira, I. and Gatti, M. 1988. Notas Sobre a Ocupação de Roraima, Migração e Colonização. Boletin do Museo Paraense Emilio Goeldi: Antropologia 4 (1) 43-64.

Singer, Paul. 1973. Economia Política da Urbanização. São Paulo, Brasiliense.

Turner, F. J. 1920. The Frontier in American History. New York, Holt & Co.

Wood, C. 1982. Equilibrium and Historical-Structure Perspectives on Migration. International Migration Review 16, pp. 298-319.

Woods, C. and Wilson, J. 1984. The Magnitude of Migration to the Brazilian Frontier. In Frontier Expansion in Amazonia, 142-152. By Marianne Schmink and Charles Wood (eds.). Gainesville, University of Florida Press.

Wood, C. and Schmink, M. 1983. Culpando a Vítima: Pequena Produção Agrícola em um Projeto de Colonização na Amazônia. In O Despovoamento do Território Amazônico: Contribuições Para Sua Interpretação. Mougeot, L. and Aragón, L. (Editors.) p. 70-90. Belém: UFPA/NAEA

Wood, C. and Wilson, J. 1984. The Magnitude of Migration to the Brazilian Frontier. In Frontier Expansion in Amazonia. Ed. Marianne Schmink and Charles Wood. P. 143-152. Gainesville, University Press of Florida, University of Florida.

Wood, Charles. 1982 Equilibrium and historical-structural perspectives on migration. IMR Volume 16 (2) 298-319